

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL**  
**CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDU**  
**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO – TCC**  
**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO “LATO SENSU” EM FILOSOFIA E EDUCAÇÃO – 2016/2017**  
**(RESOLUÇÃO nº 26/2015-CONSUNI/UFAL de 04/05/2015)**

---

**UMA POSSIBILIDADE PARA A AÇÃO DE EDUCAR:  
A Emancipação Intelectual em Jacques Rancière**

**Sidney César Dias Gonçalves**

**MACEIÓ – AL**

**2017**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL**  
**CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDU**

**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO “LATO SENSU” EM FILOSOFIA E EDUCAÇÃO –**  
**2016/2017**  
**(RESOLUÇÃO nº 26/2015 de 04/05/2015)**

---

**ATA DE AVALIAÇÃO DE DEFESA DE TRABALHO DE**  
**CONCLUSÃO DO CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM**  
**FILOSOFIA E EDUCAÇÃO – VIA DO ALUNO**

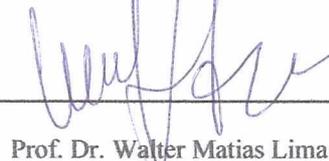
Aos **29 dias** do mês de **novembro de 2017** foi instalada a Sessão de Defesa de Trabalho de Conclusão – TCC do Curso de Especialização em Filosofia e Educação, ofertado pelo Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas, às 10h, na Sala de Seminários da mesma instituição, a que compareceu o aluno **Sidney César Dias Gonçalves**, apresentando o trabalho: “**Uma possibilidade para a ação de educar: a emancipação intelectual em Jacques Racière**”, tendo como componentes da Banca Examinadora os professores **Dr. José Vicente Medeiros da Silva** (Presidente), **Dr. Walter Matias Lima** e **Ms. Henrique José Praxedes Cahet**.

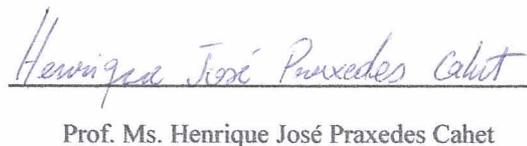
Submetido à avaliação da Banca examinadora composta pelos professores:

1. Prof. Dr. José Vicente Medeiros da Silva (ARAPIRACA/UFAL)
2. Prof. Dr. Walter Matias Lima (CEDU/UFAL).
3. Prof. Ms. Henrique José Praxedes Cahet (ICHICA/UFAL)

Obtendo a média final 8,0 ( oito ) tendo sido considerado aprovado por esta Banca Examinadora. E por estar conforme, eu, José Vicente Medeiros da Silva, Presidente da Banca Examinadora lavrei a presente ata que vai assinada por mim e pelos demais membros da banca.

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. José Vicente Medeiros da Silva  
Presidente da Banca

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Walter Matias Lima

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Ms. Henrique José Praxedes Cahet

## **UMA POSSIBILIDADE PARA A AÇÃO DE EDUCAR: A Emancipação Intelectual em Jacques Rancière**

**Sidney César Dias Gonçalves**<sup>1</sup>  
e-mail: sidney\_cesar@hotmail.com

**Orientador (a): Prof. Dr. José Vicente Medeiros da Silva**<sup>2</sup>  
e-mail: vicentemedeiros21@gmail.com

### **RESUMO**

Este trabalho tem como objetivo abordar a educação a partir do conceito de emancipação intelectual em Jacques Rancière como uma possibilidade para a ação de educar. No decorrer do artigo são expostos conceitos que buscam fundamentar esta emancipação intelectual como uma possibilidade para uma educação que está para além das instituições educacionais. Ao por em discussão o modelo de educação baseada na explicação do mestre e o modelo baseado no desenvolvimento de raciocínios próprios do indivíduo que ignora como forma para a sua própria compreensão dos conteúdos, a presente pesquisa busca demonstrar que é possível uma superação do modelo de educação reprodutora e limitadora por uma que torne o indivíduo responsável pelo seu próprio desenvolvimento e formação. O artigo está estruturado em cinco tópicos baseados a partir da obra *O mestre ignorante (2015)* de Jacques Rancière e que se revelam ao longo dela como verdadeiras lições para uma emancipação intelectual.

**Palavras-chave:** Educação; Ensino; Pedagogia; Filosofia; Emancipação.

### **ABSTRACT**

This work aims to approach education from the concept of intellectual emancipation in Jacques Rancière as a possibility for the action of educating. Throughout the article are exposed concepts that seek to support this intellectual emancipation as a possibility for an education that is beyond educational institutions. By discussing the model of education based on the teacher's explanation and the model based on the development of the individual's own reasoning that he ignores as a way for his own understanding of the contents, this research seeks to demonstrate that it is possible to overcome the model of education reproductive and limiting by one that makes the individual responsible for their own development and training. The article is structured in five topics based on Jacques Rancière's *The Ignorant Master (2015)* and which are revealed throughout it as true lessons for an intellectual emancipation.

**Keywords:** Education; Teaching; Pedagogy; Philosophy; Emancipation.

---

<sup>1</sup>Bacharel em Administração (2009) pela FADE - Faculdade Decisão. Licenciado em Filosofia (2017) pelo Centro Universitário Claretiano.

<sup>2</sup> Graduado em Filosofia (1990) e Especialista em Ética, Política e Subjetividade (2000) pela UFAL - Universidade Federal de Alagoas. Especialista em Teologia (1997) pela Universidade Católica de Pernambuco. Mestre em Filosofia (2005) pela UFPE - Universidade Federal de Pernambuco. Doutor em Filosofia (2012) pela UFPB - Universidade Federal da Paraíba. Atualmente é Professor Adjunto da UFAL.

## **Introdução**

Este trabalho busca tratar a educação a partir da perspectiva da emancipação intelectual em Jacques Rancière, baseado em sua obra *O Mestre Ignorante* (2015).

Para se pensar esta educação será preciso ir além das práticas pedagógicas materializadas pelas instituições educacionais instituídas socialmente e todas as problemáticas que lhes são inerentes. Será necessário, para tanto, pensar a possibilidade de a educação ocorrer também fora destas instituições, em outras instituições também instituídas socialmente, como a família e os diversos grupos sociais não formais que se formam no desenvolver do cotidiano e da complexidade da vida em sociedade.

Diante desta possibilidade, a de uma educação emancipatória, esta se apresenta em uma perspectiva dialógica: é preciso pensá-la não apenas como formadora moral e técnica, produto de teorias e práticas pedagógicas, mas a partir de uma lógica alcançada pela independência do indivíduo enquanto ser intelectual, que é a busca incessante nas mentes dos sujeitos que pensam.

Este trabalho busca refletir a educação nesta perspectiva. Não a educação que educa – pura retórica, discurso sofisticado – que forma – o mínimo que se produz ou se propõe a fazê-la – que molda o ser – invasão do outro, discriminando-o para aquilo já projetado pela entidade mítica da instituição dominada pelos eleitos e personificado na deidade do mestre, porém, a educação que o emancipa intelectualmente, o faz livre e não tão somente independente.

Esta possibilidade de emancipação que ao transcender as teorias e as práticas pedagógicas que se propõem em formar moral e tecnicamente o indivíduo; aquela que se dá porque ela exige mais do que pensamentos materializados pelas ações das instituições educacionais; ela que exige um elemento além do pedagógico, o filosófico, de natureza metafísica, da vontade. Neste trabalho se tentará demonstrar que sem esta não há o que se pensar em uma emancipação intelectual e, em consequência, uma educação emancipatória.

Os modelos educacionais, produtos históricos de determinada sociedade, buscam pela formação do indivíduo torná-lo apto para o desempenho de suas funções sociais. Porém ensinar desperta e acarreta em suas ações paradoxos, contradições e absurdos, pois o idealizado termina por não corresponder ao real. É paradoxal quando o ensinamento não torna livre aquele que o aprende, contudo submisso à relação com aquele que ensina. Contraditório quando o ensinamento aprendido não modifica a existência daquele que o ignorava, mas a

reproduz em um círculo vicioso, não libertário. Absurdo diante de sua própria essência, pois ensinar é igualar inteligências e não subordiná-las ou hierarquizá-las. São estes paradoxos, estas contradições e estes absurdos que permeiam a educação tradicional, trazidos pelo ato de ensinar que tão fundamental é à sobrevivência da espécie, que a proposta educacional pela emancipação intelectual em Jacques Rancière propõe superar.

Diante da mente que sabe e que ensina à outra que ignora e aprende, cria-se uma relação de dominação quando o ensinar é nada mais do que tornar o outro igual, ao invés de livre. Não a igualdade que oprime a individualidade, mas exatamente a igualdade que a afirma, ou seja, que concretiza a individualidade como igualdade entre os indivíduos. O próprio conceito de individual remete a esta igualdade: a diferença que há em cada um é o que o assemelha a todos. A igualdade possui essa essência contraditória, pois para haver igualdade é preciso haver diferença: dois objetos para serem iguais, precisam antes ser dois objetos, portanto, não serem o mesmo, ou seja, desiguais. Quando a mente que ignora aprende o conhecimento que há na mente do que sabe, ambos tornam-se iguais, porém, se este conhecimento os diferencia, então, a educação reproduz, não emancipa.

A educação é a forma criada pela espécie para perpetuação do conhecimento adquirido: para a superação do esquecimento, para o prolongamento dos registros que se fazem na memória e para a exclusão, que se faz cada vez menos necessário, do instinto. Sem esta forma de desenvolvimento a espécie estaria à mercê de uma natureza inóspita: fisicamente menos apta que seus predadores na cadeia da sobrevivência. Contudo, superada esta animosidade, a educação se volta não mais para a dominação da natureza como meio de perpetuação da espécie e sobrevivência perante os perigos naturais: torna-se meio de reprodução de ideologias produzidas para se manter um *status quo* que serve para a dominação do homem pelo homem.

Diante da consolidação da espécie por todo o planeta, esta educação tradicional tem sido eficiente ao longo da história das diversas sociedades, sejam elas primitivas, antigas, as modernas ou contemporâneas: a educação como instrumento de reprodução das condições sociais existentes ou nascedouro de suas convulsões.

Assim, este trabalho se propõe discutir uma educação a partir da emancipação intelectual do indivíduo em Rancière como possibilidade para a ação de educar, numa forma de pensá-la para além das instituições educacionais tradicionais.

## **O que pode o mestre ignorante**

A obra *O Mestre Ignorante* (2015) inicia-se com a descrição de um caso com os estudantes da Universidade de Louvain, na Bélgica. Jacotot não falava neerlandês e nem os estudantes belgas o francês, ou seja, não havia algo em comum para uma comunicação. A dificuldade foi superada quando da utilização da obra *Telêmaco* do escritor francês François de Salignac de La Mothe Fenelon escrito um século antes e agora traduzido numa edição bilíngue, holandês-francês. Estava aqui encontrada a coisa comum para que houvesse, ao menos em princípio, uma comunicação. Bastava uma explicação do mestre para que houvesse um entendimento por parte dos estudantes, contudo, o mestre experimentou a educação. Experimentou a educação quando dispôs aos estudantes que “aprendessem, amparados pela tradução, o texto francês” (RANCIÈRE, 2015, p. 18). Experimentou uma educação para além do mestre instrutor, formador, responsável por transmitir todo o conhecimento para que os estudantes como receptores assimilem e repliquem o que aprendem. Ao experimentar, arriscou. Arriscou, porém se surpreendeu com o resultado, pois os estudantes aprenderam o texto sem o mestre, sem sua interferência direta, sem suas explicações, colocando com isso em dúvida a própria utilidade do mestre para o aprendizado, para a educação.

Em um processo educativo tradicional o mestre se torna igual ao discípulo no momento em que ambos passam a possuir o mesmo conhecimento. Isso se dá a partir da assimilação do conhecimento pelo discípulo através da explicação do mestre, ou seja, o que o discípulo aprende é o conhecimento a partir da perspectiva de um mestre explicador. Esta igualdade torna independente a mente que antes ignorava, porém, não é desta educação que trata a emancipação intelectual. Esta busca superar exatamente esta educação explicadora.

Para Rancière (2015, p. 19):

Em suma, o ato essencial do mestre era explicar, destacar os elementos simples dos conhecimentos e harmonizar sua simplicidade de princípio com a simplicidade de fato, que caracteriza os espíritos jovens e ignorantes. Ensinar era, em um mesmo movimento, transmitir conhecimentos e formar os espíritos, levando-os, segundo uma progressão ordenada, do simples ao complexo. Assim progredia o aluno, na apropriação racional do saber e na formação do julgamento e do gosto, até onde sua destinação social o requeria, preparando-se para dar à sua educação uso compatível com essa destinação [...]

Porém, uma educação emancipatória busca demonstrar a igualdade de inteligências e não este embrutecimento.

Pressupor que o outro é incapaz de compreender e para isto necessita de um mestre é defender a ideia de que há uma hierarquia de inteligências, uma capaz de explicar a outra incapaz de compreender por si só. Esta hierarquia de inteligências que a educação explicadora se baseia para ensinar é questionada por uma igualdade de inteligências que faz com que seja possível o conhecimento ser compreendido por aquele que ignora através de seus próprios raciocínios e sem a explicação do mestre.

Conforme Rancière (2015, p. 38) constata-se:

[...] Ele [Jacotot] proclamou que se pode ensinar o que se ignora e que um pai de família pobre e ignorante é capaz, se emancipado, de fazer a educação de seus filhos sem recorrer a qualquer explicador. E indicou o meio de se realizar esse Ensino Universal: aprender qualquer coisa e a isso relacionar todo o resto, segundo o princípio de que todos os homens têm igual inteligência.

Este ser pensante é capaz de compreender o conhecimento ensinado através da escrita, sem precisar de um tradutor ou de um explicador que se figura na pessoa do mestre. Nas palavras de Rancière (2015, p. 20) “Seriam, pois, supérfluas as explicações do mestre? Ou, se não o eram, para que e para quem teriam, então, utilidade?”. É esta emancipação intelectual que a educação emancipatória propõe: o mestre deixa de ser um tradutor, deixa de ser um explicador, de um reproduzidor do que está escrito e passa a ser outra mente outra inteligência que dialoga que troca que se correlaciona igualmente: esta seria a utilidade do mestre.

Segundo Rancière (2015, p. 35):

Não há homem sobre a Terra que não tenha aprendido alguma coisa por si mesmo e sem mestre explicador. Chamemos a essa maneira de aprender “Ensino Universal” e poderemos afirmar: o Ensino Universal existe, de fato, desde o começo do mundo ao lado de todos os métodos explicadores [...] Mas, eis o que é estranho: Todo homem faz essa experiência mil vezes em sua vida, e, no entanto, jamais ocorreu a alguém dizer ao outro: aprendi muitas coisas sem explicações e creio que, como eu, também o podeis... nem eu nem quem quer que seja havia pensado em empregar esse método para instruir os outros.

Se a educação forma um indivíduo para a sua emancipação intelectual a relação de mestre e aprendiz será para a confirmação de que a mente que ignorava aprendeu o conhecimento posto a sua intelectualidade. A educação baseada na emancipação intelectual do indivíduo busca romper este círculo vicioso instaurado pela educação tradicional que limita a compreensão do conhecimento à explicação do mestre: a hierarquização das inteligências é superada por uma equalização dos saberes; sem que o ignorante se torne um reproduzidor, um novo mestre, mas sim um emancipado intelectual.

### **O que o ignorante tem a ensinar**

A educação tradicional por tomar o mestre por um esclarecido<sup>3</sup> torna o outro um ignorante que necessita de suas explicações para revelar o conhecimento que há no registro da palavra escrita materializada no livro: tal comportamento é de embrutecimento por criar uma dependência naquele que ignora da explicação do mestre. Todavia, se o ignorante reconhece sua ignorância por tal ação já não o é por todo um ignorante: ao adquirir consciência que desconhece já o tem isso como saber. A vontade que move a mente em busca de conhecimento a faz por ser essa sua consciência do desconhecido.

O conjunto de raciocínios para a explicação do conhecimento, este também um conjunto de raciocínios, realizados por um mestre explicador em uma educação tradicional tem como método em suas explicações o encadeamento das ideias mais simples às ideias mais complexas, porém esta associação nunca estará completa.

Desta forma, Rancière (2015, p. 41) afirma que:

A cada etapa, cava-se o abismo da ignorância que o professor tapa, antes de cavar um outro. Fragmentos se acrescentam, peças isoladas de um saber do explicador que levam o aluno a reboque de um mestre que ele jamais atingirá. O livro nunca está inteiro, a lição jamais acabada. O mestre sempre guarda na manga um saber, isto é, uma ignorância do aluno. Entendi isso, diz

---

<sup>3</sup> “Esclarecimento [Aufklärung] é a saída do homem de sua menoridade, da qual ele próprio é culpado. A menoridade é a incapacidade de fazer uso de seu entendimento sem a direção de outro indivíduo. O homem é o próprio culpado dessa menoridade se a causa dela não se encontra na falta de entendimento, mas na falta de decisão e coragem de servir-se de si mesmo sem a direção de outrem. *Sapere aude!* (Ouse saber!). Tem coragem de fazer uso de teu próprio entendimento, tal é o lema do esclarecimento [Aufklärung].” (KANT, 2013, p. 63).

o aluno, satisfeito. – Isso é o que você pensa, corrige o mestre. Na verdade, há uma dificuldade de que, até aqui, eu o poupei. Ela será explicada quando chegarmos à lição correspondente. – O que quer dizer isso? pergunta o aluno, curioso. – Eu poderia lhe explicar, responde o mestre, mas seria prematuro: você não entenderia. Isso lhe será explicado no ano que vem. Há sempre uma distância a separar o mestre do aluno, que, para ir mais além, sempre ressentirá a necessidade de um outro mestre, de explicações suplementares.

Neste modelo, a figura do mestre se torna fundamental: o livro não fala e não é audível, não possui voz, não se traduz em uma relação pessoal e conseqüentemente não se torna inteligível à mente que o ignora. Inclusive, a explicação nunca é completa em si: sempre há algo ignorado, sempre há algo a ser explicado, a ser desvelado pela próxima lição, pelo próximo mestre. E nisto o aprendiz sempre há de ser um ignorante, preso a um círculo vicioso que não cessa com a lição do dia e que se repete indefinidamente pela existência afora do ser.

O ser nunca estará acabado, formado, completo: nunca se tornará mestre enquanto houver uma lição a ser aprendida; nunca transcenderá a ignorância em sua existência. O conhecimento se torna poder do mestre sobre o outro e este por ignorar algo nunca estará pronto. Porém, se a mente que ignora ao se conscientizar de sua ignorância busca, movido pela vontade de conhecer, se emancipar à explicação do mestre e toma para si o dever de compreender o livro e ao se debruçar sobre ele a traduzi-lo e a explicar para si seus conteúdos, então a sua emancipação intelectual poderá ser alcançada, a hierarquia das inteligências poderá ser superada, aquele que ignora poderá se tornar então igual ao mestre, o ensino universal poderá superar, por fim, o embrutecimento.

### **O que há na diferença de iguais**

As explicações produzidas pelas mentes que buscam sua emancipação intelectual são nomeadas de opinião no universo acadêmico e nas relações sociais: totalmente limitadas e incapazes de descrever as causas e os efeitos relativos ao objeto investigado é a sentença a que são submetidas tais explicações. Aquele que investiga um fenômeno a partir do que sabe não produz ciência, mas no máximo opinião: vai afirmar o mestre embrutecedor.

Mas, o que é uma opinião? É, dizem os explicadores, um sentimento que formamos sobre os fatos superficialmente observados. As opiniões crescem, muito particularmente, nos cérebros fracos e populares, e se opõem à ciência, que conhece as verdadeiras razões dos fenômenos. Se desejardes, vos ensinaremos a ciência. (RANCIÈRE, 2015, p. 71).

O ensino universal de que se valem as mentes emancipadas irá buscar contradizer tal argumento demonstrando que é a partir da opinião, tomando-a como uma hipótese, de que se começa a fazer ciência: é este o ponto de partida para tais mentes compreenderem.

Rancière (2015, p. 71) faz ainda um alerta:

Devagar. Nós vos concedemos que uma opinião não é uma verdade. Porém, é isso que nos interessa: quem não conhece a verdade busca por ela, e há muitas descobertas a serem feitas no caminho. O único erro seria tomar nossas opiniões como verdades. Isso, sem dúvida, é o que se faz cotidianamente. [...] Nós observamos certos fatos. Nós acreditamos que tal poderia ser a razão para esses fatos. Faremos, e podereis fazer também, algumas experiências para verificar a solidez dessa opinião. Parece-nos, inclusive, que o procedimento não é totalmente inédito. Não é assim que agem, frequentemente, os físicos e os químicos? Mas, nesse caso, fala-se, em tom respeitoso, de hipótese, de método científico.

As mentes que se emancipam se igualam ao mestre: há uma igualdade de inteligência. Esta só se torna possível, pois é uma opinião, uma hipótese. Posta em movimento, comprova-se nos fatos, em suas explicações, na sua compreensão dos conhecimentos independentemente da explicação do mestre. Se uma mente é capaz de compreender um conhecimento da mesma forma que o mestre compreende, sem a explicação deste, então, estas mentes possuem o mesmo conhecimento: suas mentes são igualmente inteligentes. E se todas as mentes são dotadas de racionalidade por lhe ser inerente à espécie, então, elas são todas igualmente capazes: todas são inteligentes em igualdade. Mas, o mestre irá contra-atacar com o argumento de que isto é uma falácia: não existem dois seres iguais, logo, não há duas inteligências iguais; e, se não há igualdades de seres, então, não há igualdade de inteligências, portanto, na desigualdade natural das coisas se encontra a prova inquestionável da hierarquia de inteligências.

Mas é precisamente o contrário que é patente, dizem os espíritos superiores. É evidente aos olhos de todos que as inteligências são desiguais. Primeiramente, não há na natureza dois seres idênticos. Observai as folhas que caem dessa árvore. Elas vos parecem exatamente parelhas. Observai

mais de perto, para vos dissuadirdes. Em meio a esses milhares de folhas, não há duas assemelhadas. A individualidade é a lei do mundo. Como essa lei, que se aplica a vegetais, não se aplicaria, *a fortiori* [mais forte], a esse ser infinitamente mais elevado na hierarquia vital, que é a inteligência humana? Logo, todas as inteligências são diferentes. (RANCIÈRE, 2015, p. 72).

O mestre vai continuar com suas defesas embrutecedoras, argumentando como prova inquestionável que a verdade está na realidade, pois nesta está demonstrada de forma contundente as diferentes inteligências: o sucesso e o fracasso consubstanciado pela capacidade de consumo do indivíduo dentro do sistema econômico vigente ou pelo seu poder e pela influência que possa exercer sobre o outro.

As desigualdades sociais, econômicas e educacionais que se revelam são apontadas pelo mestre explicador como sendo a verdade sobre as inteligências serem de fato diferentes, ou seja, que existem inteligências superiores e inferiores; esta desigualdade é produzida na realidade em todas as suas mais diversas espécies por estas inteligências onde suas causas ao apontarem para as desigualdades das inteligências tornam a educação explicadora o caminho da iluminação, do esclarecimento. Traduzida nas manifestações concretas do cotidiano, materializadas pelas realizações pessoais, a desigualdade das inteligências se prova real, logo, natural: as proezas intelectuais são efeitos de inteligências superiores.

### **A natureza da desigualdade como produto histórico**

Para o ser que busca a sua emancipação, a inteligência de que se vale sua mente, motivada por sua vontade, deve encontrar satisfação nas necessidades que lhe são existenciais: não há o que se pensar em um modelo já pré-definido pelo sistema educacional.

Para Rancière (2015, p. 79):

É inútil discutir se sua inteligência “menor” é um efeito da natureza ou da sociedade: eles desenvolvem a inteligência que suas necessidades e circunstâncias exigem. Ali onde a necessidade cessa, a inteligência repousa, a menos que uma vontade mais forte se faça ouvir e diga: continua; vê o que fizeste e o que podes fazer se aplicares a mesma inteligência que já empregaste, investindo em toda coisa a mesma atenção, não te deixando distrair em teu caminho.

Resumamos essas observações, e diremos: o homem é uma vontade servida por uma inteligência. Talvez o fato de vontades desigualmente imperiosas seja suficiente para explicar a desigualdade das performances intelectuais.

Uma vez satisfeita tal necessidade, outra vontade tem que ser posta em seu espírito, pois há exigência para haver o seu próximo movimento. Se não se materializa em seu ser uma nova vontade, sua satisfação está plena: sua inteligência não buscará o próximo conhecimento. Não haverá necessidade de mais uma fórmula, uma data ou uma descrição de um evento: seu espírito se encontra em estado de satisfação. E isso aparenta ser o suficiente para a sua sobrevivência.

Diante da verdade, todas as inteligências se dobram: a mente que proclama a verdade é reconhecida pela outra. Para a inteligência é fácil reconhecer o que não é verdade: basta um conjunto de palavras geometricamente articuladas, porém sem conteúdo para a mente logo denunciar que aí não há verdade. O indivíduo se vê diante de uma decisão a tomar: possui consigo a inteligência e a vontade que a coloca em movimento de um lado e do outro a preguiça e a aceitação da explicação do mestre. Se esta saciar suas necessidades de existência não haverá porque se por em movimento: o meio social em que está inserido o completa. Contudo, a mente que busca emancipar-se vê na inteligência, posta em movimento através da vontade, sua emancipação: esta é validada pela verdade do conhecimento, elemento comum que conecta todas as inteligências.

Ora, se todas as inteligências são iguais em suas individualidades, se não há hierarquias de inteligências porque não há mentes superiores e inferiores, se a educação do mestre explicador que embrutece é superada pelo ensino universal que emancipa, então, o consenso entre as mentes deveria corroborar a liberdade do intelecto humano, porém isto não ocorre porque com o consenso ocorre a reprodução e com ela a limitação: para ser possível o ensino universal é preciso que não haja institucionalização de seu método, é preciso que não se empregue à sociedade um modelo educacional que se baseie na vontade e na inteligência individual porque o ensino universal é individual e não coletivo. Para este existe o mestre explicador, os conteúdos postos às massas para ser popularizados, a instituição que proporciona o espaço ideal e a sociedade que idealiza todo o projeto.

Com o método do ensino universal se torna possível ao ignorante ensinar a si mesmo<sup>4</sup>: transpor o círculo vicioso em que estava inserido, transpor a dominação do outro e tornar a sua inteligência igual ao do mestre. Aqui sua emancipação<sup>5</sup> intelectual. A mente emancipada experimenta<sup>6</sup> ensinar a si e a aprender aquilo que ignorava: não há necessidade de explicadores, tradutores e orientadores. A experiência não será uma troca com o outro, com o mestre, mas consigo mesmo. O mestre não possui utilidade.

O ignorante experimenta um despertar: há uma valoração por si de seu espírito, união de sua vontade e de sua inteligência, para que se faça emancipado. Tal estado o faz crer que é capaz de se tornar um emancipador: o círculo vicioso poderia se repetir e cometer o mesmo ato do mestre explicador, contudo, o emancipado transcende, ele sabe que as inteligências são iguais, que não há hierarquias e que o embrutecimento está sepultado. Ele sabe que tantas quantas ideias sejam possíveis para a educação, o são as maneiras de se instruir: há aprendizado no ensino do mestre explicador também, o que neste não há é emancipação.

Há, sem dúvida, cem maneiras de instruir: também se aprende na escola dos embrutecedores; um professor é uma coisa – decerto menos manipulável do que um livro, mas que pode ser aprendida [...] Sempre se aprende, ao escutar um homem falar. Um professor não é, nem mais, nem menos inteligente do que qualquer outro homem; [...] Há, porém, somente uma maneira de emancipar. Jamais um partido, um governo, um exército, uma escola ou uma instituição emancipará uma única pessoa. (RANCIÈRE, 2015, p. 142).

---

<sup>4</sup>“Como professor, se minha opção é progressista e venho sendo coerente com ela, se não me posso permitir a ingenuidade de pensar-me igual ao educando, de desconhecer a especificidade da tarefa do professor, não posso, por outro lado, negar que o meu papel fundamental é contribuir positivamente para que o educando vá sendo o artífice de sua formação com a ajuda necessária do educador.”. (FREIRE, 2001, p. 78).

<sup>5</sup>“Na sua época, Paracelso estava absolutamente certo, e não está menos certo atualmente: “A aprendizagem é a nossa própria vida, desde a juventude até a velhice, de fato quase até a morte; ninguém passa dez horas sem nada aprender”. A grande questão é: o que é que apreendemos de uma forma ou de outra? Será que a aprendizagem conduz à autorrealização dos indivíduos como “indivíduos socialmente ricos” humanamente (nas palavras de Marx), ou está ela a serviço da perpetuação, consciente ou não, da ordem social alienante e definitivamente incontrolável do capital? Será o conhecimento o elemento necessário para transformar em realidade o ideal da emancipação humana, em conjunto com uma firme determinação e dedicação dos indivíduos para alcançar, de maneira bem-sucedida, a autoemancipação da humanidade, apesar de todas as adversidades, ou será, pelo contrário, a adoção pelos indivíduos, em particular, de modos de comportamento que apenas favorecem a concretização dos objetivos reificados do capital?”. (MÉSZÁROS, 2008, p. 47).

<sup>6</sup>“Ela nos diz que a arte de narrar caminha para o fim. Torna-se cada vez mais raro o encontro com pessoas que sabem narrar alguma coisa direito. É cada vez mais frequente espalhar-se em volta o embaraço quando se anuncia o desejo de ouvir uma história. É como se uma faculdade, que nos parecia inalienável, a mais garantida entre as coisas seguras, nos fosse retirada. Ou seja: o de trocar experiências.”. (BENJAMIN, 1983, p. 57).

Apenas o indivíduo é capaz de emancipar a si, pois a emancipação só é possível pela vontade que serve a inteligência individual de cada ser. O ignorante emancipado pode pelo método do ensino universal ser qualquer outro ser, tornar-se qualquer outro assumindo qualquer função social, porém sua formação difere do velho método que existe para produzi-lo e que o faz de forma eficiente: o mestre é útil.

Para Rancière (2015, p. 147) fica evidente que esta formação dualística da educação coexiste, por isso, uma não poderá nunca extinguir a outra:

... o Ensino Universal não vingará, ele não se estabelecerá na sociedade. Mas ele não morrerá, porque é o método natural do espírito humano, o de todos os homens que buscam seu próprio caminho. O que os discípulos podem fazer a seu favor é anunciar a todos os indivíduos, a todos os pais e mães de família, o meio de ensinar aquilo que se ignora, segundo o princípio da igualdade das inteligências.

Se após toda a jornada pelo *O mestre ignorante* (2015) de Rancière não se fizer compreensível o método do ensino universal então toda a hipótese está derrubada: necessita-se de um mestre explicador. Porém, se houver compreensão após toda a leitura da defesa da educação emancipatória, então a hipótese foi vencida da mesma forma: para compreender houve a necessidade da explicação do outro. De uma maneira ou de outra, a emancipação intelectual não se instala no seio da educação institucionalizada: o mestre vence. Como um clarividente que chega ao destino antes de partir, o mestre é paciente e benevolente, esperando que seu discípulo ignorante<sup>7</sup> o alcance após toda a jornada.

## **Resultados e discussões**

Em pleno século XXI ainda não se construiu um modelo educacional que não possua deficiências, discrepâncias e desvios que impedem o próprio modelo em se concretizar pelo que foi idealizado. A formação que é dada aos indivíduos por estes modelos tem como

---

<sup>7</sup> “Vocês me perguntam: de que serve todo esse sermão se o homem não é livre? Em primeiro lugar, eu não disse que o homem não é livre; disse que sua liberdade consiste no seu poder de agir, e não no poder quimérico de querer querer. A seguir lhes direi que, estando tudo ligado na natureza, a Providência eterna me predestinou a escrever esses devaneios e predestinou cinco ou seis leitores a tirarem proveito deles, e cinco ou seis outros a desdenhá-los e a abandoná-los na imensa multidão dos escritos inúteis. Se vocês me disserem que nada lhes ensinei, lembrem-se de que me anunciei como um ignorante.”. (VOLTARE, 2013, p. 76).

objetivo produzir cidadãos instruídos, aptos para desempenharem suas funções sociais. A que se sirva a educação não escapa disso: as ciências pedagógicas estão a serviço da sociedade para a sua manutenção, reprodução, desenvolvimento, sobrevivência e perpetuação. Um Estado onde falhe em eficiência em outras áreas, mesmo as econômicas propriamente, ou políticas, sustenta-se, porém quando falha em produzir cidadãos aptos para desempenhar suas funções sociais, então produz sua própria ruína.

Este trabalho buscou demonstrar que há uma diferença entre o discurso pedagógico da igualdade e a condição reprodutora do indivíduo enquanto ser pensante defendido por uma educação explicadora.

Para uma liberdade de escolha que vá além dos limites impostos por esta educação que explica e reproduz e que se realiza dentro de uma instituição ideologicamente montada com tais objetivos, buscou-se demonstrar que há outra possibilidade para esta ação de educar: uma educação que se baseia em uma emancipação intelectual onde o indivíduo produz sua própria explicação do conteúdo.

A educação é por onde se perpetua a ideologia da sociedade. A formação dos indivíduos se torna fundamental para a existência das sociedades e estas não seriam possíveis sem a construção deles: com a investigação da obra *O mestre ignorante* (2015) de Jacques Rancière este trabalho buscou explorar essas construções. Por um lado se revelaram através de uma educação institucionalizada que reproduz e que se baseia na explicação do conteúdo pelo mestre. Por outra, uma proposta para a sua superação através de uma educação emancipatória. Esta educação se revela possível, pois se parte do pressuposto de que há uma igualdade de inteligências, com isso tornando capazes às mentes que ignoram produzir suas próprias explicações através do método de um ensino universal.

Assim neste trabalho se buscou demonstrar a diferença entre a educação que explica e a educação que emancipa: ambas ensinam, formam e produzem cidadãos aptos para as suas funções sociais, entretanto, uma hierarquiza as inteligências e outra as iguala, emancipa-as.

### **Considerações finais**

A educação emancipatória não busca a igualdade na educação através da uniformização dos alunos, nem através de seus materiais com os mesmos conteúdos ou através da possibilidade de todos terem acesso ao conhecimento, mas a igualdade na educação que se faz quando se busca emancipar o indivíduo em sua formação. Não existe um modelo ideal de ser para que se utilize como parâmetro a ser alcançado pelo aluno, porém em uma educação tradicional ainda existe este pressuposto aplicado ao indivíduo buscando com isso moldá-lo e transformá-lo em uma cópia daquele ideal de ser que não existe.

A educação emancipatória não busca essa igualdade, essa uniformização. Emancipar é torná-lo quem ele é. É tornar o indivíduo simplesmente o indivíduo em sua particularidade. A sua emancipação enquanto educação não o torna coletivo. A igualdade que se alcança por esta educação é a emancipação de sua individualidade como ser. Este trabalho buscou demonstrar isso no decorrer de seus argumentos e explicações.

Existe uma diferença que separa o aprender do compreender, e esta diferença necessita ser superada para que se possa realizar a proposta da educação: o conhecimento não deve está limitado a ser aprendido, mas se deve buscar alcançar a sua compreensão pelo indivíduo. Mesmo que se aprenda sem a explicação do mestre, ainda assim se necessita de um mestre para haver um consenso, pois os livros onde conste o conhecimento possam ser autoexplicativos, sem a orientação do mestre a educação não se concretiza, pois não haveria este consenso entre o mestre e o aluno: há a necessidade do consenso para haver a certeza da compreensão.

A palavra oral do mestre sobre a construção do aprendizado da palavra escrita pelo aluno tende a criar nestes ouvintes um esclarecimento prévio do que ali se encontra, ou, uma dissolução de dúvidas. E mesmo que não haja essa interação prévia para a construção do saber, haverá uma necessidade *a posteriori* entre o mestre e o estudante para o atesto real do aprendizado, sendo a prova da sua constatação de que houve entendimento por parte do estudante do conhecimento em questão estudado. É evidente que dentre os graus de aprendizado existem um momento na existência em que não se precisa de um explicador para o aprendizado da própria aquisição da palavra escrita, mas este momento ainda assim precisa está corroborado pela palavra do mestre como um atesto de uma compreensão correta.

Uma revolução educacional que uma educação emancipatória possa propor produzir não escapa as suas próprias teorias e práticas pedagógicas: também nela haverá limitações e

problemáticas. Esse embate entre uma educação que se faz a partir de explicações dos conhecimentos postos e a que se produz a partir da compreensão do indivíduo perante estes, existem desde sempre, desde que há ensino e aprendizado e onde quer que os sejam: uma é o embrutecimento, a educação explicadora; a outra, o ensino universal, baseada em uma emancipação intelectual.

No primeiro há o mestre que expõe suas explicações clarividentes para o conhecimento que se apresenta obscuro à mente que o ignora: quanto mais culto o mestre mais esclarecedores são os raciocínios que explicam que traduzem que iluminam tal saber. Aqui o mestre conduz e molda o discípulo.

No segundo a ordem desta relação se inverte ou se igualam: aquele que ignora aprende por seu próprio raciocínio. Estas duas inteligências encontram uma na outra o consenso sobre a compreensão do saber posto: este é o elemento que torna comum e inteligível a compreensão das diferentes inteligências; e, sem este, não há o que se pensar em educação para estes processos educacionais, independente de esclarecedores ou emancipatórios.

Este trabalho ao propor refletir a educação através de uma emancipação intelectual a partir de uma perspectiva além das instituições e do mestre explicador buscou contribuir com o tema da problemática educacional que em pleno século XXI ainda suscita polêmicas e divergências praticamente insuperáveis. Futuros desdobramentos deste trabalho podem ser desenvolvidos se o método do ensino universal for aplicado em algum estudo de caso.

Para finalizar é preciso deixar claro que o assunto abordado não se esgota dentro deste trabalho ou mesmo de tantos quantos outros que possam ser escritos. Ele transpassa a escrita, pois sua essência se encontra no dia a dia, no cotidiano das salas de aulas, na relação entre pais e filhos que constroem, muitas vezes sem pensar, uma educação emancipatória.

O que Jacotot cria como dever de seus alunos é que demonstre com a emancipação intelectual que se pode ensinar o que se ignora e que se pode aprender sem a prévia explicação do mestre, bastando apenas o debruçar-se no conhecimento e o querer para poder alcançar a sua interiorização em seu espírito. Com isso, retira-se o entendimento de que todas as inteligências são desiguais, pois todas as inteligências, por fim, são capazes de aprender e ensinar, sejam eles mestres, sábios ou ignorantes, explicadores ou emancipados.

## Referências

- BENJAMIN, Walter. **O Narrador**. São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- CAJUEIRO, Roberta Liana Pimentel. **Manual para elaboração de trabalhos acadêmicos: guia prático do estudante**. Petrópolis – RJ: Vozes, 2013.
- FENELON, François de Salignac de La Mothe. **As aventuras de Telêmaco**. São Paulo: Madras, 2006.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 2001.
- MÉSZÁROS, István. **A Educação para além do Capital**. São Paulo: Boitempo, 2008.
- RANCIÈRE, Jacques. **O Mestre Ignorante**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.
- SOUZA, José Cavalcante de. **Vida e Obra in Aristóteles. Poética. Organon. Política. Constituição de Atenas**. São Paulo: Nova Cultural, 2000.
- VOLTAIRE. **O filósofo ignorante**. Porto Alegre, RS: L&PM, 2013.